

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

OLÍVIA PEREIRA TAVARES

A PEQUENA SEREIA E A NEGRITUDE: o corpo de Ariel como território para pensar o ensino de história e as relações étnico-raciais

Porto Alegre

2021

OLÍVIA PEREIRA TAVARES

A PEQUENA SEREIA E A NEGRITUDE: o corpo de Ariel como território para pensar o ensino de história e as relações étnico-raciais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História, pelo curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Beatriz Meinerz

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Tavares, Olívia Pereira

A Pequena Sereia e a negritude: o corpo de Ariel como território para pensar o ensino de história e as relações étnico-raciais / Olívia Pereira Tavares. -- 2021.

54 f.

Orientadora: Carla Beatriz Meinerz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. A Pequena Sereia. 2. Ensino de História. 3. Negritude, . 4. Relações étnico-raciais,. 5. Representatividade.. I. Meinerz, Carla Beatriz, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A vida não segue à risca nossos planejamentos, sem necessárias adaptações, mudanças de roteiros, recomeços. Assim, há cinco anos, ingressei como diplomada para cursar a licenciatura em História na UFRGS, depois de quase sete anos que havia me graduado no bacharelado. Este lapso temporal entre uma graduação e outra tem a ver com diversos fatores que dificultaram o meu retorno, mas que não impediram minha busca por tornar-me docente. Uma busca carregada de desejo, forjado a partir de [com] minhas as atividades profissionais, pessoais e acadêmicas, mas também emaranhado em uma teia de privilégios; dentre os quais, ressalto o privilégio de vivenciar uma universidade pública e de excelência como a UFRGS, tão distante a grande parte da população. Neste território-corpo de conhecimentos, saberes e, principalmente, de pessoas que fazem esta universidade funcionar, gostaria de tecer alguns agradecimentos aquelas e aqueles que ficaram marcadas na minha história.

As professoras e profissionais que movimentam a Universidade e que compartilham conhecimentos e afetos, mesmo em tempos tão inóspitos. Destas pessoas, destaco a generosidade e carinho da professora e orientadora *Carla Beatriz Meinerz*, mulher de tamanha humanidade e brilhantismo, capaz de proporcionar aprendizados, que carregavam um teor provocativo, sem jamais perder a leveza.

As professoras Fernanda Oliveira e Gládis Kaecher, que gentilmente aceitaram o convite para participar da banca deste trabalho de conclusão de curso e contribuir com minha formação acadêmica, assim como de futuras pesquisas. Os escritos e produção destas duas intelectuais me acompanharam durante a escrita e, com elas, teci este trabalho.

Ao amigo e colega de profissão, Carlos Eduardo Barzotto, pelas tantas afinidades que compartilhamos. E por acreditar, assim como eu, na potência de contos de fadas fílmicos como objeto de pesquisa não apenas do campo da educação, mas também da história. Nossas conversas, de tons mais variados, deixa(ra)m a vida mais fluída. Além de sua disposição para ler meus textos, problematizar minha escrita e contribuir nas críticas a Disney, sem deixar de amar suas produções.

Às/aos colegas do IFRS, no qual destaco aqui, aquelas/aqueles pertencentes ao NEABI e atuantes nas comissões de heteroidentificação. Estes espaços institucionais de potência e promoção das ações afirmativas me propiciaram muitos aprendizados e foram desestabilizadores. Sou grata pelas trocas e pelos saberes que aprofundaram meu interesse

acadêmico e, também, na vida; no qual é necessário e urgente tensionar as relações desiguais marcadas pela racialização dos corpos e deixar-me afetar pelo vivências outras.

À minha ancestralidade e raízes familiares. Sendo a sétima filha de Maria e Feliciano, agradeço os ensinamentos sobre respeito, coletividade, mas também sobre indignação. De ensinar a valorizar e investir mais em livros do que em roupas. Também por serem minha rede de apoio e contribuir nos processos de criação de minha filha. Como mãe solo da jovem Sofia, vejo o quanto minha vida foi facilitada por ter vocês por perto. E aquelas que vieram antes de mim, minhas irmãs Márcia, Flávia e Luciá, os rastros deixados por elas, de escolhas, de lutas e de anseios tiveram grande relevância para forjar esta Olívia.

À minha filha Sofia, pelo amor que construímos ao longo destes 13 anos. Como mãe, espero, ao longo do teu crescimento, contribuir na tua formação e nos modos de ver o mundo. Modos estes, que não se limitem a escolhas individuais, mas se voltem para coletividade. Nos roteiros que fores escrever em tua vida, nas tuas andanças, espero que consigas compreender a importância de “jogar o teu corpo no mundo” e se doar para causas que busquem fazer deste um lugar menos desigual. Agradeço a amizade, a valorização e respeito por minhas buscas pessoais, acadêmicas e profissionais. Ter uma mãe sempre tão atarefada não é uma afazer fácil, eu sei. Assim, como sei do tamanho da tua maturidade e compreensão e que me impulsionam para não abandonar meu caminho jamais.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também foram usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Chimamanda Ngozi Adichie

Resumo

Esta pesquisa partiu da repercussão, em jornais, revistas e blogs *online*, do anúncio da atriz escolhida para protagonizar Ariel na releitura em *live-action* da clássica animação *A pequena Sereia* (1989). A partir da divulgação da Disney de que a princesa-sereia dos sete mares, Ariel, ganharia vida pela interpretação da artista negra Halle Bailey, houve inúmeras manifestações do público, tanto de apoio a escolha dos estúdios, quanto manifestações de racismo. Com a corporeidade negra em cena, propus pensar este corpo em posição de protagonismo como um território de temas possíveis de serem abordados no ensino de história comprometido com a educação antirracista e a educação para as relações étnico-raciais. Por meio das representações no corpo de Ariel e a potência deste corpo nas telas, busquei produzir desdobramentos pedagógicos para abordar temas em aulas de história articulados as representações deste corpo negro-sereia-protagonista. Nesta direção, parti das seguintes problematizações: **quais as representações no corpo de Ariel são ressignificadas pela corporeidade negra de Halle Bailey? Como as representações, marcadas nesta corporeidade e estética negras, podem desdobrar-se em temas possíveis para o ensino de história e educação para as relações étnico raciais?** Para tentar dar conta destas perguntas, selecionei como fontes, cinco artigos publicados em plataformas online – os jornais *Correio brasileiro* e *União*, a revista *Veja SP*, o blog *Fala, colega!* e o site de variedades *Purebreak*, organizando-os em tabelas, nas quais desprenderam-se as chaves analíticas de mitologia, negritude e representatividade. A partir delas, busquei relacionar o corpo da Ariel negra com mitologias afrocentradas e representações de sereias; a seguir, na representatividade da princesa negra, busquei elencar mulheres negras "reais" e que protagonizaram a história e, por fim, acenar, nas considerações finais, este corpo negro como um território de desconstrução do racismo. A partir dos materiais empíricos produzidos, as análises realizadas utilizaram aportes dos estudos culturais e da história cultural: Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e bell hooks foram acionados como referenciais na construção do conceito de representação e Aimé Césaire, Maria Beatriz Nascimento, Grada Kilomba e Nilma Lino Gomes para pensar o conceito de negritude. Estes conceitos foram operados na tentativa de tramar como as representações o corpo negro da sereia protagonista e seus desdobramentos em temas a serem abordados no ensino de história e das relações étnico-raciais.

Palavras-chave: A Pequena Sereia, ensino de história, negritude, relações étnico-raciais, representatividade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representações de Ariel.....	20
Figura 2: Cartaz da série <i>Grown Ish</i>	22
Figura 3: Princesa Ariel, na animação <i>A pequena Sereia</i> (1989).....	23
Figura 4: Ariel protagonizada por Halle Bailey	24
Figura 5: <i>Bessanganas</i> entregando oferendas a Kianda em Ilha do Cabo.....	35
Figura 6: Representação de Kianda pintada por Henrique Vieira Filho.....	36
Figura 7: Representação de Iemanjá.....	38

SUMÁRIO

1. O corpo negro protagonista de Ariel como fio condutor para “contar” uma outra história: uma introdução	10
2. Os conceitos de representação e negritude e o ensino de história comprometido com a educação antirracista: A Pequena Sereia como uma proposta descolonizadora.....	16
3. Um corpo não é apenas um corpo, mas tudo que pode representar: o corpo-atriz e o corpo-personagem como territórios de temas para o ensino de história	20
4. Movimentos metodológicos: da escolha das fontes aos procedimentos para analisá-las .	26
4.1 Um filme para além do ato de assisti-lo: pensar as fonte de ensino de História e das relações étnico-raciais	26
4.2 A construção de um roteiro metodológico para pesquisar a partir de fontes documentais	29
5. Um corpo para pensar o ensino de história: atravessamentos e possibilidades	32
5.1 “Sereias são criaturas míticas”: Ariel, Iemanjá e <i>Kianda</i> e o ensino de história	33
5.2 Ariel, a princesa negra como protagonista: representatividade nas telas e na história ...	39
6. O corpo negro nas telas e a estética da negritude no ensino de história: algumas considerações para pensar possibilidades de desconstrução do racismo.....	43
Referências.....	45
ANEXO I	50
ANEXO II.....	52

1. O corpo negro protagonista de Ariel como fio condutor para “contar” uma outra história: uma introdução

O protagonismo de Halle no *live action* ao dar vida a Ariel promove a representatividade no filme, e muda a perspectiva de muitas outras crianças, jovens e adultos desta e das futuras gerações fora das telas. Para muitas meninas, a possibilidade de que personagens clássicas sejam de outras etnias favorece para a construção da autoestima de meninas negras, em geral sub-representadas (GONÇALVES, 2019).

O trecho escolhido para abrir esta pesquisa aborda a importância do protagonismo negro nas telas e inspirou-me a buscar construir possibilidades de, com e a partir dele, construir alternativas de uma abordagem no ensino de história comprometido com a educação antirracista e na educação para as relações étnico-raciais. A releitura da clássica animação *A pequena Sereia* (1989) em *live-action*¹, que está sendo produzida pelos estúdios Disney - com previsão de estreia em 2023 - terá uma corporeidade negra a protagonizar a filha caçula do rei Tritão² e “princesa dos 7 mares”. Apesar do alvoroço ocasionado nas redes sociais diante do anúncio de Halle Bailey como escolhida para vivenciar a personagem, nas páginas que se seguem, propus a construção uma pesquisa que vislumbresse a potência deste corpo nas telas. E, ainda, como as representações que a atravessam e a posicionam como uma corporeidade negra, sereia e princesa – podem possibilitar desdobrá-las, pedagogicamente, em temas para ensinar história e educação das relações étnico-raciais.

Ao escolher pensar a partir e com o corpo de uma personagem protagonista de um filme com roteiro de contos de fadas, é importante salientar que estas histórias são importantes artefatos do mundo ocidental e eurocentrado. Popularizados na modernidade, quando autores como Charles Perrault e, posteriormente, os Irmãos Grimm, transferiram diversas histórias de contos de fadas, da oralidade para as páginas dos livros, elas passaram a funcionar como “um guia para mostrar o comportamento que devia ser seguido em sociedade”³ (MARROQUÍN, 2012, p. 85). Assim, o caráter educativo destas histórias era pautado por seus ensinamentos moralizantes aos sujeitos, instruindo-os e normatizando-os, ao “transmitir verdades morais de um só sentido a partir da alegoria, que é responsável por

¹ A expressão *live-action* é popularmente utilizada para nomear filmes adaptados de quadrinhos, animações e de clássicos da literatura. Os significados das palavras *live* (vida) e *action* (ação) pode ser traduzida como ação ao vivo ou ato real. Neste sentido, filmes em formato *live-action* são produzidos com atores e atrizes reais, podendo ou não fazer uso em suas filmagens de animações ou de produções computadorizadas.

² Na animação da Disney de 1989, Ariel é filha de Tritão, o rei dos 7 mares. A produção tem diversos elementos advindos da mitologia e serão discutidos no decorrer do trabalho.

³ Texto original em espanhol: una guía para mostrar el comportamiento que se debía seguir en una sociedad

misturar elementos reais e fantásticos, para contar, de forma simples, uma história verossímil”⁴ (MARROQUÍN, 2012, p. 85). Todavia, os contos de fadas na contemporaneidade parecem extrapolar esta função moralizante. Em um período anterior a construção de uma lógica moderna, estas narrativas advindas da oralidade, pareciam ir além de apenas dar ênfase a “medos” presentes na sociedade (CORSO; CORSO, 2006), mas tratar “os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens [seres humanos] e da natureza” (CORSO; CORSO, 2006, p. 16). Nesta direção, as narrativas filmicas produzidas na contemporaneidade parecem amalgamar aspectos da função moralizante e normatizadora, mas, também, criar espaços de crítica social, no qual a corporeidade negra colocada nas telas como protagonista pode criar espaços de desconstrução do racismo (GOMES, 2017).

Na contemporaneidade, os contos de fadas têm se proliferado em múltiplas releituras fílmicas, tal como Angela Maria Rodriguez Marroquín (2012) apresenta em seu estudo das transformações da imagem do feminino ao longo do século XX, a partir de produções fílmicas baseadas no conto de fadas Cinderela⁵. Este trabalho me movimentou a pensar como “um conto é facilmente reconhecido em diferentes culturas, dado que é apenas mencionar certas palavras como mulher, baile, Príncipe, sapato, ativa-se, na mente da pessoa que as escuta, a referência ao conto de Cinderela” (MARROQUÍN, 2012, p. 86-87) e do quanto pode ser potente enquanto artefato educativo. Além disso, a autora inspirou-me a pensar que, além destes elementos presentes no roteiro da trama fílmica dos contos de fadas, historicamente, a branquitude atravessa as representações de personagens e as narrativas destas histórias e que a escolha de uma atriz negra para vivenciar a protagonista pode ser visto como uma possibilidade de quebrar com o pensamento de que “a brancura foi construída como característica associada a tudo que é bom, saudável, limpo e belo” (MEINERZ; PEREIRA, 2018, p. 173).

O anúncio que a atriz negra Halle Bailey interpretará Ariel no *live-action* esteve entre os assuntos mais falados no *Twitter* mundial por três dias e provocou distintas reações no público. A corporeidade e estética da personagem - que na obra de Christian Andersen tinha “a pele clara e delicada como uma pétala de rosa” e na animação da Disney de 1989 era branca e ruiva – agora é marcada pela negritude. Esta foi defendida por aqueles que apoiam a iniciativa da Disney em marcar a representatividade negra nas telas, mas também contestada, com

⁴ Texto original em espanhol: “transmitir verdades morales de un solo significado desde la alegoria, la cual se encarga de mezclar elementos reales y fantásticos, para contar, de un modo sencillo, una historia verosímil”

⁵ Seu estudo contemplou quatro curtas-metragens e seis longas-metragens como fontes históricas, produzidos entre 1936 e 2007, e incluem a animação Cinderela (1950) produzida pelos estúdios Disney.

manifestações de racismo diante da escolha. Dada a repercussão do anúncio, busquei fazer um levantamento de fontes, de materiais que estivessem disponíveis *online* e que versassem sobre a Ariel Negra. Diversos materiais foram recuperados desde matérias em blogs, vídeos no *youtube* e matérias jornalísticas. Realizei uma seleção de materiais passíveis de análise e que coubessem no tempo de uma pesquisa de conclusão de curso, focalizando documentos escritos.

Ao longo da construção da pesquisa e do processo de escrita fui desafiada por minha orientadora a buscar um olhar de posituação da negritude. Neste caminho, os escritos de Grada Kilomba (2019) me afetaram e me conduziram a pensar que denunciar e me opor ao racismo não era suficiente, mas seria preciso ir além, ao buscar processos de reconstrução dos sujeitos negros. Neste percurso, busquei olhar para as possibilidades de pensar que a história pode “ser interrompida, apropriada e transformada pela prática artística e literária” (HOOKS, 1990, p. 152) e ser reconstruída por meio de atos de descolonização.

Também é importante salientar que os processos de construção desta pesquisa de conclusão de curso de licenciatura em História são atravessados por minhas vivências e experiências: acadêmicas, profissionais e afetivas. Tomar como ponto de partida a discussão sobre a escolha da atriz negra Halle Bailey e os sentidos que sua corporeidade e estética negras carregam, para pensar o ensino de história, não se deu ao acaso. Como uma pesquisadora que vem estudando gênero desde a graduação do bacharelado em História⁶ e tendo realizado uma dissertação em Educação, na qual analisei o filme *Malévola* (2014), fui me dando conta da importância de alargar os estudos de gênero e complexificar leituras de mundo associadas a outros marcadores. Neste processo, refletir pelas lentes da interseccionalidade foi um importante constructo que aprendi através da “sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista” (AKOTIRENE, 2019, p. 18). O contato com este conceito faz parte de outras vivências e experiências, que transbordam o acadêmico e que me fazem compreender o mundo na perspectiva do direito a diferença e da luta por equidade. Destas, destaco minha atuação profissional como técnica administrativa em Educação no IFRS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul), *campus* Canoas, no qual integro o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas), desde o início de 2019, onde tive a aproximação com produções de autoras negras, tais como Sueli Carneiro,

⁶ Fiz disciplinas e trabalhos em eventos que abordavam questões de gênero e feminismo durante a graduação do Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), entre 2006 e 2009. Já no mestrado realizado no PPGEdu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizado entre 2016-2018, produzi uma dissertação com a articulação entre os estudos de gênero e o filme *Malévola* (2014).

Luiza Bairros, Carla Akotirene, Djamila Ribeiro e bell hooks⁷. Estas desestabilizaram e ampliaram minhas lentes, produzindo outro modo de ver a mim mesma e minha branquitude. Também, é importante salientar que as relações étnico-raciais me atravessam enquanto mãe de uma jovem de 13 anos, fruto de um relacionamento interracial.

Todos estes atravessamentos, associados a meu interesse como pesquisadora de contos de fadas fílmicos e toda a polêmica que circunscreveu o anúncio de Halle Bailey, instigou-me a uma série de questionamentos, dos quais destaco as seguintes problematizações:

- **Como as representações no corpo de Ariel são ressignificadas pela corporeidade negra de Halle Bailey?**
- **Como as representações, marcadas nesta corporeidade e estética negras, podem desdobrar-se em temas possíveis para o ensino de história e educação para as relações étnico raciais?**

Na direção de dar conta das perguntas e olhar para as representações que produzem o corpo de Halle e da personagem Ariel, utilizei-me de autores como Tomaz Tadeu da Silva (2010) e Stuart Hall (1997; 2005; 2016) e da autora bell hooks (2019); para pensar a negritude e a corporeidade negra, Aimé Césaire (2010), Maria Beatriz Nascimento (1974; 1976), Grada Kilomba (2019) e Nilma Lino Gomes (2012); e, ainda, Renato Nogueira (2018) foi utilizado para discutir e conceituar mitos.

Metodologicamente, esta pesquisa, de caráter documental, produziu o material empírico a partir do mapeamento de artigos de blogs, jornais e revistas *online*. Para organizar os materiais encontrados, elaborei uma tabela, no qual estão contidos dados dos respectivos artigos e o *link* de acesso ao respectivo material. A seguir, tabulei trechos dos materiais selecionados a partir da primeira tabela e que me conduziram a algumas chaves de análise: mitologia, corporeidade negra/negritude e representatividade. Importa ressaltar que esta é apenas uma das possibilidades de leitura e análise a partir dos trechos em destaque dos documentos. Estas chaves de análises levaram-me a tessitura com temas de ensino de história, comprometida com a educação para as relações étnico-raciais.

Para tentar dar conta do que foi traçado até aqui, apresento como foi sendo organizado no texto, a forma que esta investigação foi sendo produzida. Apresento, assim, a composição

⁷ Nome com letras minúsculas, em conformidade com o desejo da autora de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não à sua pessoa.

realizada com os trechos dos quatro artigos selecionados e as autoras e os autores que me acompanharam, fundamentaram teoricamente e me movimenta(ra)m na produção da trama desta pesquisa.

No capítulo 2, os *conceitos de representação e negritude e o ensino de história comprometido com a educação antirracista: A Pequena Sereia como uma proposta descolonizadora* apresento os conceitos de representação e negritude, buscando articulações possíveis entre o anúncio de Halle para protagonizar Ariel, o ensino de história e a educação para as relações étnico-raciais.

A seguir, o capítulo 3 intitulado *Um corpo não é apenas um corpo, mas tudo que pode representar: o corpo-atriz e o corpo-personagem como territórios de temas para o ensino de história* trazem informações sobre quem é Halle Bailey e quem é Ariel, apresentando como estes corpos podem ser pensados como um território de possibilidades para pensar temas de ensino de história e das relações étnico-raciais.

Em *Movimentos metodológicos: da escolha das fontes aos procedimentos para analisá-las*, o capítulo 4, são apresentadas as escolhas das fontes e os movimentos de produção de dados para a análise. Primeiramente, descrevo as fontes selecionadas, os artigos *online* que versam sobre o anúncio do elenco do live-action de *A pequena Sereia*, como uma pesquisa documental, de inspiração indiciária (GINZBURG, 2010), e apresento os modos que estas fontes foram “desmontadas” e reorganizadas para produzir os dados, do qual emergiram as chaves analíticas mitologias, negritude e representatividade, já mencionadas anteriormente. Optei por descrever o processo de relação com o fenômeno observado e analisado, em detalhes, pois compreendo esse movimento como ação própria da pesquisa.

É no capítulo 5, *Um corpo para pensar o ensino de história: atravessamentos e possibilidades*, apresento as tessituras de relações produzidas entre o corpo negro nas telas e as representações que o marcam com possibilidades de articulações, de aproximações e de afastamentos com o ensino de história. Assim, primeiramente, a partir da chave analítica da mitologia e do corpo sereia de Ariel, busquei deslocar a ideia de mito eurocentrada para visões de mundo afrocentradas. Neste trama, as *Kiandas* e *Iemanjás* são tecidas como possibilidade de serem pensadas a partir da corporeidade de Ariel. A seguir, a chave da representatividade tenta mostrar a importância de um corpo protagonista para pensar com o protagonismo de mulheres negras na história. Não tive a pretensão de estabelecer longos estudos sobre cada uma destas personagens, mas elucidar as possíveis relações e articulações com os temas do ensino de história, buscando fugir da construção de estereótipos.

Por fim, arremato algumas considerações em *O corpo negro nas telas e a estética da negritude no ensino de história: algumas considerações para pensar possibilidades de desconstrução do racismo*, no qual retomo a trajetória feita ao longo do trabalho, buscando marcar a potência do protagonismo negro nas telas e as possibilidades de tecer com as representações postas em funcionamento neste corpo, ressignificado pela negritude, e o que dele pode suscitar para o ensino de história.

2. Os conceitos de representação e negritude e o ensino de história comprometido com a educação antirracista: A Pequena Sereia como uma proposta descolonizadora

A obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nos currículos da Educação básica e de ensino História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, instituídos, respectivamente, pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, tiveram ressonância tanto nas práticas docentes, quanto na desestabilização de saberes “clássicos” eurocentrados. Se a algumas décadas, os conteúdos de história apresentavam sujeitos negros e os povos originários como selvagens e sem qualquer pudor, a introdução destas leis possibilitaram um repensar de hierarquizações de conhecimentos e a (re)construção das narrativas históricas como “pluriversais”. Nesta direção, Paulo Miceli (2018, p. 39) apresenta que “ensinar história também significa comprometer-se com uma estética de mundo, onde guerras, massacres e outras formas de violência precisam ser tratados de modo crítico”. Todavia, importa, neste movimento, não enfatizar apenas histórias negativas, mas focalizar o olhar, também, para produzir histórias formativas (ADICHIE, 2019). Neste sentido, sinto-me provocada pela importância de trazer para o centro da discussão uma positivação das representações de povos e etnias historicamente invisibilizadas.

Sem romantizar o cenário brasileiro, no qual emergiram as políticas de ações afirmativas, importa aqui ressaltar que este marco legal “é historicamente inovador ao trazer, para o embate público, via educação escolar, as práticas de racismo, do preconceito, da discriminação, tradicionalmente negadas ou mantidas no plano privado (MEINERZ, 2017, p. 61). Estas políticas, criadas para buscar a transformação das relações raciais no contexto da sociedade brasileira, devem além de reconhecer o “espaço de privilégio das pessoas brancas nascidas em solo brasileiro e sua contribuição, ou não, para a manutenção de tais benefícios, historicamente naturalizados” (MEINERZ; PEREIRA, 2018, p. 162), também devem construir uma estética da negritude positivada. Na esteira do pensamento das autoras, compartilho o argumento por elas construído de que

o Brasil é uma sociedade racializada, ou seja, as diferenças de raça, como constructo social, criam inequidade nas relações entre pessoas diferentes, no caso de nosso estudo, entre pessoas brancas e não brancas. Ressaltamos que raça é uma categoria central para compreender as relações que se estabelecem na sociedade brasileira, em geral, e nas instituições educativas, em específico. É um constructo social específico de nossa historicidade e referenciado nas ciências humanas (MEINERZ; PEREIRA, 2018, p. 164).

O entendimento do conceito de raça, a partir do trecho supracitado, está atrelado aos paradoxos das múltiplas formas de disseminação, ressignificação e reinvenção que constituem a raça como um marcador de racismo(s) e como este se relaciona com a cultura (MEINERZ; PEREIRA, 2018). Alex Ratts (2007, p. 47), pelas lentes de Beatriz Nascimento, apresenta que o racismo pode ser conceituado como uma trama de fios finos e complexos, mas astuciosos, formados por ‘um emaranhado de sutilezas’. Na esteira deste pensamento, o racismo se manifestaria por meio da amálgama de violências e sutilezas, em uma rede sofisticada de pensamentos e ações (RATTS, 2007) que se reinventam cotidianamente e contemporaneamente. Estes pensamentos são dirigidos a sujeitos negros pela cor da sua pele e demais marcas fenotípicas que carregam em seus corpos. Mas como é possível construir possibilidades de desconstrução do racismo? Sem a pretensão de traçar a solução para tal questionamento, buscarei aqui traçar algumas articulações conceituais, que vão fundamentar e contribuir para as discussões em torno das relações propostas por esta pesquisa no ensino de história comprometido com a prática antirracista, da educação para as relações étnico-raciais e da corporeidade negra de Ariel.

Nesta direção, primeiramente, apresento o conceito de representação. Este é visto como as práticas de significação e os processos simbólicos, que envolvem a construção dos significados na/pela linguagem e que a define “como marca, traço significante e não como processo mental” (SILVA, 2010, p. 32). Dito de outro modo, as práticas de significação e os sistemas simbólicos seriam responsáveis por atribuir sentido a construção de nossas experiências e contribuiria para dizer aquilo que somos e aquilo que não somos (MEYER, 1999). Na esteira deste pensamento, as representações são culturalmente construídas, mas também disputadas; no qual estas construções estão imersas em relações de poder, Poder este de representar a si e ao outro. Assim, a escolha da corporeidade negra da atriz de Halle Bailey para protagonizar Ariel parece atravessar e ressignificar as representações de sereia e princesa e dizer quem pode ter cauda e ocupar um lugar na realeza, desestabilizando as narrativas hegemonicamente marcadas pela branquitude.

Ao levar em consideração o caráter educativo das imagens postas em funcionamento em uma produção fílmica, inspiro-me em Nilma Lino Gomes (2012), ao apresentar o caráter educativo de uma peça teatral e do que esta pode ser capaz de mobilizar na articulação de conhecimentos, da cultura e da política. Esta articulação pode ser capaz de proporcionar uma aula efetiva e didática para a pessoa que o assiste. A partir do que a autora nos apresenta, um filme – assim como os eventos que o envolvem – podem ser potentes para estabelecer as relações propostas pela autora. Ao pluralizar as possibilidades de como um corpo pode ser

representado, o filme parece oferecer ao público espectador brechas para pensar a hierarquia de conhecimentos e saberes tomados como naturalizados e superiores. Mas mais que isso, possibilita pluralizar representações e produzir articulações entre estes eventos e seus atravessamentos com o conhecimento histórico.

Ao considerar o anúncio de Halle Bailey para protagonizar Ariel como um convite e também uma provocação, pensei em como esta corporeidade negra e sua repercussão poderiam ser uma oportunidade de “intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e de autodefinição” (HOOKS, 2019, p.36). Ao olhar para o evento não apenas pelas lentes da denúncia de racismo proclamado a atriz e ao personagem mítico da sereia princesa da Disney, mas como estratégia pedagógica do que esta corporeidade negra e as representações que as atravessam são marcados podem possibilitar pensar.

As representações do corpo-personagem Ariel carregam as marcas de sua cauda e pela realeza, de um corpo sereia-princesa e que contribuem para pensar quem ela é. Também é possível inferir que estas marcas parecem ter sido reinventadas pela escolha de um corpo-atriz negra. Esta negritude nos possibilita pensar em uma reconfiguração de representações de quem pode ser a sereia e de quem pode ser princesa, deslocadas por um pensamento afrocentrado.

Para pensar estas relações de pluralidade de representações, é importante articular aqui, o conceito de negritude. Pelas lentes de Aimé Césaire (2010, p. 108) a negritude transcende a biologia e “faz referência a qualquer coisa de mais profundo, mais exatamente a uma soma de experiências vividas que terminaram por definir e caracterizar uma das formas de humanismo criado pela história; é uma das formas históricas da condição humana”. Estas experiências de vida marcam os sujeitos, ao hierarquizá-los e excluí-los. No sentido de buscar desconstruir estas hierarquizações, Carlos Moore (2010), aponta que a negritude pode ser vista como um potente conceito de luta social e descolonização de saberes, ao ser capaz de produzir uma positividade das pessoas negras. Esta positividade se dá por meio de seus movimentos políticos e estéticos, ao buscar a construção de outros contornos culturais, políticos e psicológicos, em busca de combater o racismo e colocar a centralidade nas pessoas negras.

Ainda, Moore, ao apresentar a importância do pensamento de Aimé Césaire (2010), na constituição do conceito, vai apontar que “a negritude pode ser apreendida como o fruto do amadurecimento gradativo de toda uma linhagem de pensamento, de ambos os lados do Oceano Atlântico, sob a condição dos africanos no seu continente e de seus descendentes na diáspora” (MOORE, 2010, p. 08).

Aqui, é importante ressaltar as representações que conformam o corpo desta “nova” Ariel possibilitam “defender uma ação transformadora capaz de encontrar maneiras de (re)inventar um mundo possível, numa perspectiva estética, ética e política” (BORGES, 2019, p. 11). Representações que possibilitam enaltecer um regime de visibilidade da negritude positivada, que perpassa o protagonismo do filme e subsidia pensar em relações com personagens e narrativas históricas ainda pouco evidenciadas na sala de aula.

3. Um corpo não é apenas um corpo, mas tudo que pode representar: o corpo-atriz e o corpo-personagem como territórios de temas para o ensino de história

“A escolha da **jovem** de 19 anos levantou uma discussão sobre racismo no Twitter, uma vez que na animação original, Ariel tem pele branca e cabelos ruivos e **Halle**, escolhida para fazer sua **versão “humana” é negra de cabelos pretos**” (Veja SP, 2019).

“Aí a produção divulgou que a cantora **Halle Bailey interpretaria Ariel**. Sim, **uma artista negra**” (RIGOTTI, 2019).

Os substantivos utilizados nos trechos destacados e que abrem a seção, apresentam Halle Bailey como jovem, humana, artista, cantora e que associados a negritude parecem amalgamar quem é a personagem e é quem atriz. Neste sentido, propus aqui, esboçar algumas relações que se embaralham o corpo-atriz de Halle Bailey e o corpo-personagem de Ariel, para compor a tessitura desta corporeidade negra protagonista como território de temas para o ensino de história. A figura 1, apresenta as representações da Disney de Ariel na animação e a atriz escolhida para encenar a personagem no *live-action*.

Figura 1: Representações de Ariel



Fonte: <https://estacaogeek.com.br/wp-content/uploads/2019/07/Nova-Ariel-Pequena-Sereia.jpg>

Ao olhar para um corpo como um território possível para tramar temas de ensino de história, importa olhá-los “como territórios vivos e históricos que aludem a uma interpretação cosmológica e política, no qual habitam nossas feridas, memórias, saberes, desejos, sonhos individuais e coletivos” (HERNÁNDEZ, 2016, p. 43). Neste sentido, Cruz Hernández (2016) inspirou-me a pensar o corpo negro de Ariel como um território de possibilidades de temas para o ensino de história e de uma educação para relações étnico-raciais; possibilidades estas que parecem amalgamar um corpo-atriz e um corpo-personagem e por meio destes traçar relações

com conhecimentos passados e conhecimentos do presente e elaborar propostas de ensino de história conectadas.

Inspirada por Rogério Hasbaert (2020), assumo que um corpo pode ser visto como uma espacialidade que possibilita pensar temas de aulas de história a partir de representações que estas corporeidades carregam. Para tecer e aprofundar esta afirmação, tramo aqui o argumento de Beatriz Nascimento de pensar o corpo como um documento, no qual corpos negros não devem ser vistos pelas marcas da aparência pelo qual são discriminados. A “cor de pele, textura do cabelo, feições do rosto - pelas quais negras e negros são identificados” (NASCIMENTO apud RATTS, 2017, p. 68), mas vislumbrados como território de potência estética de negritude positivada. Neste sentido importa perguntar: quem é este corpo? quem é Halle Bailey? E quem é Ariel?

Halle Lynn Bailey⁸ é uma jovem cantora, compositora, atriz e personalidade nas mídias sociais, de 21 anos, estadunidense, nascida no estado da Georgia. Quando tinha apenas 8 anos, juntamente com sua irmã Chloe, de 10 anos, o pai começou a ensinar a arte de escrever composições. Em busca de promover e divulgar as vozes das duas meninas, a criação de canal no *YouTube* da dupla Halle e Chloe – aos 11 anos e 13 anos, respectivamente – teve sua estreia do canal com o cover de *Best Thing I Never Had*, daquela que viria a ser sua “fada madrinha”. As vozes das meninas chamaram a atenção de Beyoncé, que amadrinhou a dupla e contribuiu para dar visibilidade as duas, impulsionando suas carreiras.

E o caminho para tornar-se conhecida parece, então, ter vindo pela música, que acabou encaminhando-a para a carreira de atriz. Tendo apenas pequenas participações em filmes, tal como *Let It Shine* (2012), ingressou na série de TV *Grown-Ish* - que estreou a quarta temporada nos Estados Unidos em julho deste ano (2021) - para dar vida a personagem de Sky Forster. Sua participação na série se deu pelo lançamento da música tema da série intitulada *Grown*. E, posteriormente, também a música *The Kids Are Alright* foi incorporada no episódio de estreia da série.

⁸ Para saber mais: Sete coisas que você precisa saber sobre Chloe X Halle, novo fenômeno do R&B. 2020. Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/7-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-chloe-x-halle-novo-fenomeno-do-rb/>>. Acesso em 15 de setembro de 2021, as 13 horas e 55 minutos. Conheça a voz de Halle Bailey, a nova Ariel de A Pequena Sereia, em covers no YouTube. 2019. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/conheca-voz-de-halle-bailey-nova-ariel-do-filme-pequena-sereia-em-covers-no-youtube/>>. Acesso em 15 de setembro de 2021, as 13 horas e 59 minutos

Figura 2: Cartaz da série *Grown Ish*



Fonte: <https://cinepop.com.br/grown-ish-4a-temporada-ganha-data-de-estreia-e-primeira-imagem-oficial-295341/>

A escalção para protagonizar Ariel, na releitura em *live-action* da consagrada animação da Disney de 1989, necessitava de uma atriz, que como Halle tivesse o talento para a música, pois seria necessário para gravar e executar a trilha sonora do filme. Mas quem é Ariel?

Ariel é uma personagem princesa-sereia e que encanta os sete mares com sua linda voz. Criada pela Disney como a protagonista da trama da animação de *A Pequena Sereia*, filme no qual teve sua primeira aparição. O sucesso da personagem rendeu a produção de uma série com o mesmo nome do longa de animação e também uma *prequel*⁹ *A Pequena Sereia: A História de Ariel* (2008). Além disso, o filme ganhou uma sequência, *A Pequena Sereia 2: O Retorno para o Mar*, em que a protagonista é a filha de Ariel e de Eric, a jovem Melody. A personagem teria sido baseada no conto de Hans Christian Andersen, mas distinta da obra literária. Com os cabelo longos e vermelhos e personalidade impulsiva se distinguiram da sereiazinha de Andersen, que tem um fim trágico e desaparece ao se transformar em espumas do mar.

⁹ Uma *prequel* apresenta a história anterior a um filme ou série já estabelecida. Tem por objetivo contar as origens de um personagem ou de um trama. Um exemplo é *O Hobbit* que conta a história predecessora ocorrida na trilogia *Senhor dos Anéis*.

Figura 3: Princesa Ariel, na animação A pequena Sereia (1989)



Fonte: Disney

O racismo dirigido a atriz Halle Bailey ao ser a escolhida como protagonista de Ariel não vai levar em conta o talento para representá-la, tampouco a singular beleza da atriz, mas a racialidade de seu corpo. Os argumentos eram os mais diversos, como por exemplo, a postagem feita no *twitter*, no qual a usuária apresentou a seguinte comparação: “Convenhamos que é ridículo uma atriz negra a fazer a Pequena Sereia. Tal como seria ridículo por uma atriz branca a fazer a Princesa e o sapo. Sejam coerentes. Obrigada!” (Tuíte de @saravieiraa, 4 de julho de 2019). Ao traçar comparações entre as personagens protagonistas de duas animações da Disney, Ariel, de *A Pequena Sereia* (1989) e Tiana, de *A princesa e o sapo* (2009), a usuária tenta mascarar o racismo, desconsiderando que Tiana é uma personagem retratada no contexto estadunidense, das primeiras décadas do século XX e trabalhadora de Nova Orleans, com dois empregos e bastante distinta das representações de princesas Disney marcadas pela branquitude. Enquanto Ariel é uma sereia, um ser mitológico e que não apresenta uma etnia/raça específica.

Outros argumentos racistas fizeram apelos de que não há personagens negras ou sereias negras na mitologia, ou ainda, que Ariel era baseada na obra dinamarquesa de Christian Andersen. Mas de que mitologias estamos falando? A estas e outras tentativas de deslegitimar o protagonismo da “nova” Ariel, o canal *Freeform*, da Walt Disney Television, defendeu Bailey por meio de uma carta aberta dirigida ‘as almas pobres e infelizes’:

Sim. O autor original de 'A Pequena Sereia' era dinamarquês. Ariel... é uma sereia. Ela vive em um reino subaquático em águas internacionais e pode nadar legitimamente onde quer que ela queira (mesmo que isso muitas vezes perturbe o Rei Tritão). Mas, para argumentar, digamos que Ariel também seja dinamarquesa. As sereias dinamarquesas podem ser negras porque os dinamarqueses *pessoas* podem ser negros. Ariel pode se esgueirar até a superfície a qualquer momento com seus amigos Linguado e o caranguejo jamaicano Sebastião, e manter essa base de bronze firme (...). Os negros dinamarqueses e, portanto, os *mer-folk* (raça de humanoides que podem viver debaixo d'água), também podem *geneticamente* (!!!) ter cabelos ruivos. Mas alerta spoiler – para trazê-lo de volta ao topo – o personagem de Ariel é uma obra de ficção. Então, depois de tudo isso dito e feito, e você ainda não consegue superar a ideia de que escolher a incrível, sensacional, talentosa e linda Halle Bailey é outra coisa senão uma inspiração de elenco, que é porque ela 'não se parece com o um dos desenhos animados, oh garoto, eu tenho algumas novidades para você... sobre você. (Carta Aberta do Canal Freeform).

A carta aberta vai rebater os argumentos racistas e apresentar Ariel como uma ficção. Todavia, aqui não pretendo fazer tal separação entre fantasia e realidade, mas pensar uma corporeidade negra e protagonista e do que ela a partir dela e com ela é possível ser pensado. Nesta direção, Silvana Goellner (2010), diz que “um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno”, me inspira a pensar, também, quais significados podem ser construídos a partir de determinado corpo e os sentidos dados as marcas que ele carrega. Desta forma, torna-se possível pensar um corpo não é apenas um corpo, mas pelas possibilidades do que ele pode representar. A imagem 3 carrega as representações da sereia princesa Ariel protagonizada por Halle Bailey e pela negritude de seu corpo.

Figura 4: Ariel protagonizada por Halle Bailey



Fonte: <https://i0.wp.com/pipocamoderna.com.br/wp-content/uploads/2020/03/the-little-mermaid.jpg>

Em linhas de análise, é possível, olhar para a negritude do corpo-atriz a partir do contornos racistas assumidos pela contestação do público a este corpo. Ao levar em consideração que no Brasil, ao mesmo tempo que o mito da democracia racial mascarou as desigualdades raciais, o racismo estaria vinculado a intimidade e a informalidade, ao fazer “da desigualdade uma etiqueta internalizada e da discriminação um espaço não formalizado” (SCHWARCZ, 1998, p.184). Na esteira do pensamento da autora, a discussão sobre s anúncios de elenco de um filme e quem pode ser o corpo-atriz para representar determinada personagem pode ser um potente instrumento para mostrar como, a constituição da narrativa histórica é marcada, igualmente, pela branquitude e, por isso, a importância da Educação para as relações étnico-raciais como ação afirmativa no campo dos currículos. No qual a raça passa a ser vista como um marcador da diferença, no qual a branquitude ditaria quem pode ser o corpo representado em determinada posição.

Entretanto, ao invés de seguir este caminho, escolhi pensar o que este corpo pode me propiciar pensar. Como é possível pensar nele como um corpo-território de representações ou, ainda, um território-corpo de temas para o ensino de história comprometido com a luta antirracista e de virada decolonial.

4. Movimentos metodológicos: da escolha das fontes aos procedimentos para analisá-las

Pesquisar o mundo fantástico de produções fílmicas de contos de fadas, a partir do campo da educação não é algo novo na pesquisa em Educação¹⁰. Todavia meu interesse por estas fontes no uso destas fontes não tem a ver com ineditismo, mas parece ter uma profunda relação com a “montagem da trama de uma pesquisa com filmes e sobre as múltiplas possibilidades de ‘ver’ e contar uma *história*” (TAVARES, 2018, p. 39). Assim, como as tramas literárias e as produções fílmicas carregam esta possibilidade de serem relidas e reproduzidas, desmontando e remontando roteiros e uma pluralidade de formas de analisá-las, vi no anúncio - e toda sua repercussão - da jovem atriz negra que protagonizaria a releitura da personagem Ariel como uma oportunidade de me desafiar. Este desafio seria pensar esta corporeidade negra nas telas como possibilidades de tecer temas de ensino de história.

Este capítulo destina-se a traçar os percursos de pesquisa, os movimentos realizados e os limites de até onde conseguiria chegar. Assim, organizei-o em duas seções; a primeira, busquei construir a repercussão do anúncio da atriz como fonte do fazer historiográfico e de ensino de história. Este movimento foi sendo delineado com a ideia de ampliação das fontes e dos modos de fazer pesquisa e do ensino de história, dos modos de selecioná-las e de seu tratamento. Na segunda, vou construir os movimentos de produção do material empírico, por meio da seleção de artigos que versavam sobre a repercussão, a montagem de tabelas e a produção de chaves-analíticas, no qual desprenderam-se mitologia, negritude e representatividade.

4.1 Um filme para além do ato de assisti-lo: pensar as fontes de ensino de História e das relações étnico-raciais

As fontes são marcadas por sua historicidade, isto é, cada contexto histórico apresenta o caráter do que pode ou não ser aceito como matéria-prima para a realização de uma pesquisa historiográfica (PINSKY, 2010). Se antes da chamada "Revolução documental", eram consideradas fontes apenas os documentos oficiais e escritos, passam-se, agora, a ser consideradas uma diversidade de outras possibilidades, tais como, relatos orais fotos, diários,

¹⁰ Pesquisadores e pesquisadoras do campo dos estudos culturais em Educação realizaram análises sobre a cultura infantil, utilizando-se de fontes fílmicas. Dentre eles, destaco os estudos realizado a partir de alguns desenhos Disney, com enfoque na produção de representações culturais (KINDEL, 2003); também voltados a abordagem de gênero e de sexualidade (SABAT, 2003; RAEL, 2010); ou ainda, estudo sobre os filmes e outros produtos Disney, o consumo e a pedagogização da infância (GIROUX, 2011).

novelas, dentre outros. Na esteira de pensar a historicidade das fontes, assumo que eventos que o envolvem um filme – desde o anúncio de uma produção, a publicidade em torno do filme, o elenco, as críticas e as interações que a dele podem suscitar como parte do artefato fílmico e das relações que se estabelecem com o público. Dito de outro modo, assumo que estes eventos se relacionam com os modos de “assistir” a filmes na contemporaneidade e que podem ser fontes do fazer historiográfico.

Os roteiros dos “novos” filmes de contos de fadas parecem uma tentativa de renovar suas narrativas, adaptando-se a demandas do presente, mas essas mudanças não se dão sem tensionamentos. Com isso, “a intensa produção de imagens e histórias ficcionalizadas que sempre estiveram presentes nos mais variados produtos midiáticos (...), parece revelar uma pista para entender o anseio por experiências e narrativas mais autênticas que vigoram na atualidade” (ANTUNES; AZEVEDO, 2019, p, 09). Ao mesmo tempo em que parece haver um interesse por “produções midiáticas que trazem como principal apelo sujeitos comuns, situações cotidianas e vidas reais” (ANTUNES; AZEVEDO, 2019, p, 09), também há “resistências” a mudanças de representações colocadas em circulação; tal como o caso de Ariel, no qual a corporeidade da personagem representada pela negritude é contestada por parte do público.

Nesta esteira do que foi dito até aqui, os eventos que envolvem a produção e a divulgação de um filme podem ser vistos como potentes para a pesquisa historiográfica. Neste percurso de seleção do evento de escolha da atriz negra para protagonizar Ariel, importa pensarmos acerca dos [...] processos que nos tornam sujeitos de determinado tempo, em um contexto determinado e situado (CAMOZZATO; CARVALHO; ANDRADE, 2016, p. 11). Também importa pensar que estes eventos não se dão sem embates entre a produção e o público, tais como os já mencionados comentários do público sobre as escolhas do elenco e o posicionamento político e racial da produção. O importante neste cenário é pensar como tais escolhas podem contribuir na modificação ou ruptura de conhecimentos e saberes e possibilitarem a (re)construção de outros significados e como possibilidades de fontes no fazer historiográfico e no ensino de história.

Neste sentido, importa pensar que, também os movimentos de modificação e ampliação do que pode ser considerado como fonte do fazer histórico parecem ter sido acompanhados de um deslocamento de enfoque temático na produção historiográfica, no qual a partir

da chamada Escola dos Anais, mas já bem antes, o conceito de fonte histórica tem se ampliado e se transformado significativamente. Por um lado, a revolução documental acabou com o império do documento escrito, permitindo que o olhar do historiador se desviasse dos documentos oficiais e das tramas políticas, típicas da história positivista, para uma quantidade indefinível e enorme de vestígios do passado: imagens, filmes,

crônicas, relatos de viagem, registros paroquiais, obras de arte, vestígios arquitetônicos, memória oral... Mas, principalmente, a revolução documental dobrou o olhar da disciplina de História para aspectos da vida social, antes distantes do olhar dos historiadores (PEREIRA, SEFFNER, 2008, p. 115).

Os autores vão localizar, no tempo, a abertura para outras possibilidades de fazer pesquisa histórica e abordar alguns exemplos do que passaria a serem consideradas como fontes do trabalho historiográfico. O que me parece igualmente importante é que o movimento histórico de ampliação das fontes é acompanhado de uma modificação da maneira de selecioná-las e analisá-las. Ao pensarmos que os modos de fazer pesquisa realizados a uma década demandavam a presença em arquivos e bibliotecas, hoje podemos realizar muitas dessas buscas pelos repositórios de periódicos online e “navegar” pela internet e encontramos uma variedade de materiais de pesquisa¹¹.

Outro ponto importante do trecho destacado do texto de Fernando Seffner e Nilton Pereira, é a mudança de enfoque da história a partir das lentes da vida social. Parece-me, igualmente importante pensar na guinada de perspectivas e olhares para esta vida social dada pelas lutas dos movimentos e feminismos negros. Estes, tiveram uma forte contribuição na mudança, tanto em relação ao enfoque do que pode ser um tema ou fonte de pesquisa e de ensino de história, quanto o modo de olhar para a história a partir de olhares descolonizados e afrocentrados. Sueli carneiro (2002, p. 210) nos dá pistas deste deslocamento, ao dizer que “o movimento de mulheres negras emergiu, introduzindo novos temas na agenda do movimento negro e enegrecendo as bandeiras de luta do movimento feminista”. Estas mudanças impactaram os saberes tidos como acadêmicos até então, quando negros e negras passam de “objetos de estudo a sujeitos do conhecimento” (CARNEIRO, 2002, p. 210). Este movimento de mudança de que a autora nos fala é relevante para pensarmos nas relações entre militância e academia e os impactos dados por esta relação.

Também importa pensar que o contexto de amplitude do que passa a ser considerado como fonte, modificou-se, também, o tratamento dado a estas. "O documento não é mais a encarnação da verdade, nem mesmo pode ser considerado simplesmente verdadeiro ou falso. O ofício do historiador deixa de ser o de cortejar o documento para verificar sua veracidade, e passa de ser o de marcar as condições políticas de sua produção" (PEREIRA, SEFFNER, 2008, p. 115-116). Para além das condições políticas da produção das fontes de que os autores falam, importa acrescentar as condições raciais de produção. Para ilustrar esta afirmação, a divulgação

¹¹ O uso de fontes digitais ficou ainda mais evidente no contexto da pandemia e a necessidade de distanciamento social.

e promoção fílmica, aqui tratada, faz referência a uma releitura de contos de fadas. E neste sentido é importante ressaltar como o corpo negro de uma personagem protagonista em um conto de fadas pode ser potentes fontes históricas para pensar a reconstrução de narrativas, ao trazer a negritude para a centralidade da trama. “Pela segunda vez, uma afrodescendente interpretará uma princesa da Disney. Em 1997, Brandy Norwood fez o papel de Cinderela no longa que tinha Whitney Houston como fada madrinha e Whoopi Goldberg como rainha” (BRANT, 2019). Neste sentido, reproduzir um conto com o protagonismo negro busca romper com a premissa de que

“quem conta um conto aumenta um ponto (...), [no qual] a insistência na ideia de branqueamento, o suposto de que quanto mais branco melhor, fala não apenas de um acaso ou de uma ingênua coincidência em uma narrativa infantil, mas de uma série de valores dispersos na nossa sociedade e presentes nos espaços pretensamente mais impróprios. A cor branca, poucas vezes explicitada, é sempre uma alusão, quase uma bênção; um símbolo dos mais operantes e significativos, até os dias de hoje (SCHWARTZ, 1998, p. 176).

Em diálogo com a autora diria que quem conta um conto, pode aumentar, mas também modificar certos pontos e pluralizar sentidos. E estas modificações atendem a demandas do contexto histórico em que foram produzidos. Nesta direção, é importante pensar o uso de contos de fadas e filmes baseados nestas obras, assim como os eventos que a envolvem – anúncios, divulgação, críticas - como fontes para o ensino e pesquisa em história. E que podem tramar articulações e relações potentes voltados a pensar uma educação para as relações étnico-raciais e que carregam expressões éticas e estéticas de fatos socio-raciais.

4.2 A construção de um roteiro metodológico para pesquisar a partir de fontes documentais

Esta pesquisa foi inicialmente pensada a partir da abordagem de filmes, mais especificamente, filmes de contos de fadas e suas releituras, como fontes do ensino de história e das relações étnico-raciais. Esta proposta previa um estudo, que utilizaria da etnografia de tela para realizar um percurso teórico-metodológico possível de uma pesquisa historiográfica a partir de fontes fílmicas. Nesta direção, estes procedimentos possibilitariam vislumbrar que “mais que um artefato da cultura e de entretenimento, o filme também é lugar de reflexão e análise” (TAVARES, 2018, p. 44) e que pode possibilitar a construção do conhecimento historiográfico.

O próprio ato de assistir a um filme foi se modificando ao longo dos tempos. Se nos anos 1980 e 1990, lembro-me da disputa para conseguir alugar a fita cassete e, posteriormente,

os DVDs e Blu-rays, dos lançamentos que chegavam na locadora, nos últimos anos, fomos dominados pelas plataformas de streaming e a possibilidade de assistir a um filme em qualquer hora e lugar, em distintos aparelhos, tais como Smart TVs, smartphones e/ou notebooks, e interagir nas plataformas, ao classificar e até tecer críticas sobre as produções. E estas interações não se dão apenas *a posteriori* do ato de assistir, mas inicia-se no momento de anúncio em muitas das produções.

Levando em consideração estas mudanças nos modos de assistir um filme e na interação/relação do público desde o anúncio de uma produção cinematográfica, busco construir possibilidades de produzir discussões no ensino de história. O anúncio da escolha do elenco, de onde iniciei o percurso deste trabalho, nos dá pistas de como uma obra cinematográfica, antes de seu lançamento, pode apresentar elementos potentes para pensar sobre as representações dos corpos-personagens protagonista e que podem ser lançados temas a serem pensados no ensino de história e das relações étnico-raciais. Todavia, esta não foi uma articulação feita de imediato, mas que foi e está sendo produzida enquanto os processos de construção do material empírico foram sendo tecidos e no próprio ato de escolha do que vai sendo selecionado para compor a pesquisa.

Provocada por Renato Janine Ribeiro (1999, p. 191), ao dizer que os processos metodológicos devem ser “algo que nós vamos constituindo à medida que pesquisamos (...), à medida que escrevemos”, considero este processo como um roteiro em elaboração, que vai buscar inspiração em outras tramas de pesquisa, mas também de criatividade e de improvisos, que possibilitem contribuir para o campo e para produzir um desfecho produtivo. Desta forma, primeiramente, realizei um levantamento de artigos publicados que versassem sobre o anúncio da atriz Halle Bailey como protagonista a Princesa Ariel. Levantamento este feito por meio pelo site de busca *Google*, pela palavra-chave Ariel Negra. Com os resultados recuperados, foi possível produzir uma tabela com alguns dos resultados. Nela, resalto o título da matéria, onde foi veiculada, a autoria e data de publicação e o *link* para acessar o material na íntegra (Anexo I)

Sem buscar a pretensão de totalidade, a seleção dos artigos deste primeiro levantamento realizou um recorte temporal de materiais datados de julho de 2019, pois sucederam o anúncio feito pela Disney. Com a realização deste mapeamento, busquei pistas, tal como uma “caçadora teria sido a primeira a ‘narrar uma história’ porque seria a única capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos”¹² (GINSBURG,

¹² Optei por apresentar a citação do autor no feminino por uma questão política.

1989, p. 152). Embora não concorde com o autor que as pistas sejam mudas, pois elas falam sobre as visões de mundo de uma sociedade e de sua cultura, a ideia seguir as pistas, rastros, indícios me pareceu atraente, sobretudo o fato de que assumir uma postura de investigadora também é estabelecer relações com o tema de sua reflexão, no qual as buscas e as descobertas parecem revelar possibilidades de olhar o mundo, de fazer a sua *caça*. Inspirada na perspectiva indiciária, fiz a leitura dos artigos e considerei necessário selecionar apenas alguns deles, de forma a comportar o tempo e espaço de um trabalho de conclusão de curso. Desta forma elenquei, como fonte deste trabalho, cinco dos materiais listados na tabela acima. São eles as matérias veiculadas nos jornais *correio Braziliense e União*, na *Revista Veja SP*, no Blog *Fala, Colega* e no site de variedades *Purebreak*. A partir de seus textos, iniciei a construção de uma segunda tabela. Esta, foi sendo elaborada a partir do recorte de parágrafos dos textos selecionados da primeira tabela, destacando algumas chaves de análise possíveis para compor uma teia de relações com ensino de história e das relações étnico-raciais.

A partir dos recortes dos materiais selecionados, três chaves de análise emergiram dos trechos dos materiais: a mitologia, a representatividade e a negritude. E com estas chaves que me proponho utilizar os trechos destes materiais como “estopim” para a construção de relações entre o ensino de história e das relações étnico-raciais. Passo, então, a discutir algumas possibilidades de pensarmos o corpo negro de Ariel na relação com mitologias distintas e com protagonismos de mulheres “reais”, a partir dessa personagem sereia-princesa e protagonista.

5. Um corpo para pensar o ensino de história: atravessamentos e possibilidades

Neste ano, foi publicado o **Relatório de Diversidade de Hollywood** realizado pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O estudo revelou dados assustadores, mas não surpreendentes, sobre **representatividade nos blockbusters estadunidenses** de 2017. Foram analisados 200 filmes e mais de 1.200 programas televisivos. Foi apontado que **80,2% dos protagonistas destas produções eram de raça branca**, enquanto **as demais etnias (preta, asiática, nativo americana, latina) se dividiram com 19,8% dos papéis principais**. É importantíssimo salientar **que nos EUA as pessoas não-brancas representam quase 40% da população**, então **os números precisam dobrar** para que a divisão seja minimamente justa -- **e personagens como a nova Ariel vão ajudar nessa caminhada** (ISMAEL, 2019).

Pensar sobre a corporeidade e estética negra representadas em produções fílmicas, não pelo olhar da falta e da denúncia, mas “como suporte de construção da identidade negra” (GOMES, 2003), não significa negar a necessidade de apontar e elucidar as desigualdades raciais. Também, vale ressaltar, que apenas a representatividade não vai assegurar “um novo modo de ser ‘negra’, ‘genuíno’, ‘primordial’ (KAECHER, 2006, p. 20). Porém, a relevância que a representatividade negra em posição de protagonismo em filmes blockbusters¹³ estadunidenses podem assumir, revelou-se, no caso da produção de *Pantera Negra* (2018), como uma instância de “produção política e estética que pretende trazer à tona uma reflexão crítica sobre as desigualdades provenientes dos processos colonizadores” (FREITAS E SOUZA, 2019). Sem a pretensão de colocar aqui o filme de *A pequena sereia* – ainda não lançado – no mesmo patamar¹⁴, importa aqui pontuar que este filme vai inaugurar o protagonismo negro¹⁵ em contos de fadas em *live-action* da Disney. E que, além de Halle Bailey, contará com outros atores e atrizes negros na produção, tal como a atriz Noma Dumezweni, como a mãe de Ariel e o ator Daveed Diggs, como Sebastião. Inspirada em Gladis Kaercher (2006, p. 20), estes pequenos movimentos podem contribuir, neste tempo, para pensarmos nas possibilidades de fazer “pequenas rupturas, dobras, nervuras”.

Mas quais as relações são possíveis de serem tecidas entre a corporeidade de uma Ariel negra sereia-princesa e o ensino de história e de educação para as relações étnico-raciais? Neste sentido, propus esboçar alguns atravessamentos e possibilidades para ensinar história a partir

¹³ Os significados da palavra *blockbuster* estão relacionados a artefatos culturais, tais como livros, filmes e exposições, que atinge grande popularidade ou sucesso. Informação disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/blockbuster>>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

¹⁴ Como uma pesquisadora de contos de fadas fílmicos, não consigo negar as expectativas em relação a produção.

¹⁵ Embora, o filme *Cinderela* (1997), protagonizado por Brandy Norwood, aqui, aponto que *A pequena Sereia* será o primeiro filme desta geração de grandes produções de releituras de contos de fadas fílmicos, inaugurada com o filme “Encantada” em 2007 (TAVARES, 2020).

do corpo negro de Ariel, visto aqui como uma “produção sobre o negro e sua cultura, realizada por outras áreas do conhecimento, [e que] poderá nos ajudar a refletir sobre a temática negro e educação, enriquecendo e apontando novos caminhos” (GOMES, 2003, p. 169). Nesta direção, desenvolvi duas sessões: primeiramente, teci algumas com trechos destacados dos materiais pesquisados, algumas possibilidades de relações entre sereias com perspectivas afrocentradas; a seguir, apresento a representatividade da negritude no corpo princesa com a possibilidade de abordar personagens negras no ensino de história.

5.1 “Sereias são criaturas míticas”: Ariel, Iemanjá e *Kianda* e o ensino de história

Ariel é uma **personagem mítica**, e não precisa necessariamente ser vivida por uma atriz branca”

(GONÇALVES, 2019).

“Sereias são **criaturas míticas**” (BRANT, 2019).

“Mas, ao mesmo tempo, se há alguma produção em que seja possível focar na questão da representatividade, é justamente *A pequena sereia*. **Ser mitológico**, essa personagem não tem etnia ou raça bem definida” (BRANT, 2019).

Os trechos selecionados argumentam, de distintas maneiras, que Ariel é uma personagem mítica e por este motivo pode ser personificada em um corpo negro. Levando em consideração os trechos destacados, que relações podem ser tecidas entre a sereia – ser mitológico - e o ensino de história? Como os mitos podem contribuir para desconstruirmos visões colonizadas de história? Sem a pretensão de apresentar uma respostas a estas perguntas, pretendo aqui, criar possibilidades construir problematizações que se articulam ao mundo contemporâneo, na relação com mitos de diferentes culturas (NOGUERA, 2018), a partir da corporeidade da personagem da figura mitológica da sereia. Dito de outro modo, busco traçar alguns movimentos possíveis que partem deste acontecimento da contemporaneidade e relação com conhecimentos das culturas brasileiras e da diáspora africana, buscando contribuir para o debate sobre o que é um mito na cultura ocidental de influência greco-romana/branca/eurocentrada e o que são “mitos” para outros povos e culturas.

Nesta direção, a construção do conceito de mito parece importante para pensarmos esta relação. A partir de autores como Clyde Ford, Marcel Detienne e Mircea Eliade, Renato Nogueira (2018, p. 13) apresentam um entendimento de mitos “como elementos vivos que dão sentido à vida. De modo geral, um mito é uma explicação da realidade que narra o nascimento do mundo, do ser humano e de como ele deve viver e encontrar sentido para sua existência”. Ao nos deslocarmos da ideia de universalidade, é possível assumir que se os mitos buscam

formular explicações para “realidade” e a eles podem ser atribuídos diferentes sentidos e significados conforme o contexto histórico-social e cultural a que está inserido. Se levarmos em consideração o que aponta Celiana Maria dos Santos (2013) ainda é possível acrescentar que a mitologia apresenta um caráter constitutivo de determinada cultura e possibilita vislumbrar as diferentes noções de tempo das sociedades”. A afirmação da autora, acrescento ainda, que é importante nos deslocarmos de nossa visão de mundo para compreender as diferenças nos entendimentos de cada sociedade, suas crenças e ritos, sem tentar encaixá-las a compreensões eurocentradas e unívocas. Nesta direção, importa perguntar quem são as sereias?

As sereias - do grego Σειρινας - são criaturas míticas conhecidas e difundidas na cultura ocidental e eurocêntrica e representadas com busto feminino e cauda de peixe. Na “mitologia grega, as sereias habitavam os rochedos entre a ilha de Capri e a costa da Itália, e que eram filhas do rio Achelous e da musa Terpsícore” (PARADISO, 2010, p. 07). Segundo o autor, estes seres fantásticos, marcados pela beleza, atraíam tripulações de navios para a morte por meio de seu canto, ao fazê-los colidir e afundar nos rochedos. Ao considerar a localização da Itália e sua proximidade com o norte da África, os mitos que circundam ambas as regiões poderiam ter aproximações. Neste sentido,

as sereias não estão destinadas a serem protagonistas da mitologia europeia. Na África, muitas são [as] divindades aquáticas, cuja iconografia é de uma sereia. Angola, por exemplo, possui suas sereias encantadas, poderosas, influenciando para o bem e o mal, com a respeitosa ambivalência popular de amor e medo – a *Kianda* (PARADISO, 2011, p. 259).

Na esteira do pensamento do autor, a *Kianda* seria uma divindade protagonista Angolana. Embora sua imagem seja semelhante a uma sereia, parece necessário ter cautela nas comparações entre as diferentes culturas, tal como sugere Washington Santos Nascimento. Para ele, a sereia advém de uma cultura greco-romana e *kiandas* não deveriam ser com elas confundidas, mas vistas como gênios da natureza e que fazem parte da cultura *Kimbundu*. A associação da *Kianda* com a representação da sereia seria o que Pepetela, referência obrigatória da literatura angolana, apresentaria como que “coisa dos brancos, a sereia é deles. A *Kianda* não é metade mulher metade peixe, nunca ninguém lhe viu assim. Os colonos nos tiraram a alma, alterando tudo, até a nossa maneira de pensar *Kianda*” (PEPETELA, 1995, pág. 98). Na esteira do pensamento do autor, dizer que uma *Kianda* é uma sereia seria colocá-la por uma perspectiva colonizada, efeitos de processos históricos específicos, como por exemplo, as cruzadas e as grandes navegações e que possibilitaram ao homem branco europeu ver e ouvir as narrativas dos "outros". Esses movimentos fazem com que, retornados, esses homens narrem,

incorporando elementos ficcionais outros às narrativas dos contos já circulantes. Por isso, não pretendo aqui associar e reduzir as Kiandas a sereias, mas buscar deslocar o olhar da difundida figura ocidental, para me aproximar com “mitos”, crenças e cosmogonias afrocentradas.

Nesta direção, o que é possível dizer sobre a *Kianda*? Noémie Pereira Lopes (2018) apresenta os significados desta palavra e um pouco do mito que a envolve. Esta autora descreve que a palavra *Kianda* advém do *kimbundu* e se referiria a poderosas divindades sobrenaturais das águas, habitantes da Praia do Bispo, nas proximidades de Luanda. Estes seres teriam o poder de tomar muitas formas e, até dissolver-se no mar. O “mito” que a envolve conta que a *Kianda* teria sido acometida de bondade e oferecido um tesouro escondido a um pobre homem, que caminhava à beira-mar. Entretanto, ao enriquecer, este homem passou a ter um comportamento egoísta e utilizar as riquezas que tinham lhe sido oferecidas apenas em benefício próprio. Este comportamento teria desagradado a *Kianda*, que não hesitou em tirar tudo que havia lhe ofertado¹⁶.

Figura 5: Bessanganas entregando oferendas a Kianda em Ilha do Cabo



Fonte: <https://www.facebook.com/INZOTUMBANSI/photos/kiandaem-angola-o-culto-%C3%A0s-ianda-plural-de-kianda-divindade-do-mar-sempre-existi/1096143097082782/>

¹⁶ Esta história não parece se assemelhar a contos de fadas popularizados pela cultura ocidental e eurocentrada? O que é possível inferir é que assim como as artes visuais, por meio do saque de esculturas, artefatos e documentos, também as artes literárias e as histórias africanas foram pilhadas; esta história, por exemplo, terminou sendo apropriada pelos irmãos Grimm e tornou-se "O pescador e sua mulher".

A importância desta divindade para o povo Angolano pode ser vislumbrada nos rituais celebrados a ela, anualmente, no início de novembro. “As pessoas trazem comida para fazer um banquete e cantam e dançam ao mesmo tempo. Depois há uma procissão no mar e a comida é deitada para o mar enquanto se toca o batuque para satisfazer a *Kianda*” (LOPES, 2018). Além das comemorações, muitas são as representações destas divindades, em pinturas e esculturas. A imagem 6 apresenta uma destas pintura elaborada pelo artista Henrique Vieira Filho.

Figura 6: Representação de Kianda pintada por Henrique Vieira Filho



Fonte: https://artluv.net/wp-content/uploads/2018/09/Mermaid_Kianda_800x1200px_web.jpg

“Eu não vou nem entrar no mérito de discutir que estamos tratando aqui de **um ser mítico e inexistente** (desculpa, Discovery Channel)” (ISMAEL, 2019).

A partir do que foi dito até aqui e do trecho em destaque é possível dizer que em toda e qualquer cultura, uma criatura mítica não existe, tal como é apresentado no trecho acima? É possível transpor o conceito de mito a toda e qualquer cultura? Rita Segato (2018) apresenta pistas para pensar estas questões relacionadas a mitos provenientes da tradição afro-brasileira do Recife. Para autora, os mitos nesta tradição coabitam a crença e o mundo, na relação

estabelecida por uma série de proposições elementares entre os participantes deste culto. Esta relação está implicada tanto em estabelecer tanto uma relação parental com o Orixá - ao tornar-se seu filho ou filha – quanto uma relação de subordinação. Além de carregar traços de sua personalidade.

Ao estabelecer uma relação entre o conceito de mito apresentado por Renato Nogueira e o que Rita Segato nos apresenta sobre a tradição afro-brasileira, os Orixás não podem ser resumidos a apenas elementos que dão sentido à vida mas também como partícipes do mundo, no qual importa, ainda, destacar que

o perfil veiculado por estes mitos é complementado por outros recursos expressivos, tais como o repertório específico de toadas rituais e de toques de tambor associados a cada um dos santos, o conjunto de gestos coreográficos que manifestam sua presença através da possessão, uma caracterização física ou visualização feita por meio da descrição de visões e aparições dos mesmos em sonhos, as cores dos santos e os sabores por eles preferidos para suas “comidas” ou oferendas rituais (SEGATO, 2018, p. 146).

A autora parece apresentar no trecho supracitado alguns dos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros marcados pela musicalidade do repertório e do toque do tambor, pela corporeidade em movimento, pela ludicidade das cores e rituais e pela possessão. Estes valores são descritos por Fábio Leite (1997). Para este autor, “memória, oralidade, ancestralidade, cooperativismo, energia vital (axé), religiosidade, circularidade, ludicidade e corporeidade” seriam valores capazes de ressignificar conhecimentos.

Outra personagem possível de ser pensada a partir do corpo sereia de Ariel é Iemanjá. Mas quem é Iemanjá e como ela é representada? No ponto de Iemanjá, em destaque abaixo, ela é representada como mãe, rainha e sereia dos mares, que encanta com seu canto.

Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar
 Mãe d'água, seu canto é bonito quando tem luar
 Como é lindo o canto de Iemanjá
 Faz até o pescador chorar
 Quem escuta a Mãe d'água cantar
 Vai com ela pro fundo do mar
 Iêê, Iemanjá!
 Iêê, Iemanjá
 Rainha das ondas, sereia do mar
 Mãe d'água, rainha das ondas sereia do mar
 Mãe d'água, rainha das ondas sereia do mar
 (Ponto de Iemanjá)

Iemanjá¹⁷ é marcada, assim, por representações que dizem quem ela é: ser mitológica, marcada pela maternidade e que ocupa um lugar na realeza, além de possuir o dom do canto.

¹⁷ Seu nome tem algumas variações, tais como Iemanjá, Yemanjá, Yemaya, Iemoja ou Yemoja. Maiores informações em: <<https://www.geledes.org.br/lemanja-a-rainha-do-mar/>>. Acesso em 12 de outubro de 2021.

Seu nome é oriundo da expressão Iorubá *Yèyé omo ejá* que significa mãe cujos filhos são peixes. Trazida para o Brasil com os processos diaspóricos sofridos pelos africanos durante o processo de escravização, “Iemanjá adentrou a Umbanda, nela se estabelecendo enquanto símbolo de maior feminilidade, maternidade e poder criador, num misto e associação de vários atributos distintos que engendraram a imagem complexa de mãe, mulher sereia e santa” (BARROS, 2006, p. 01). Não tenho por objetivo abordar as relações entre todas as representações que marcam, atravessam e Iemanjá, mas estabelecer as relações entre as representações de Iemanjá como Sereia e o corpo de Ariel. Nesta direção, a representação de Iemanjá (Imagem 7) parece contribuir com esta leitura.

Figura 7: Representação de Iemanjá



Fonte: <https://ea9vhuzko5.exactdn.com/wp-content/uploads/2012/02/iananja012.jpg?strip=all&lossy=1&ssl=1>

Na imagem apresentada acima, o corpo de Iemanjá se funde com mar, no qual uma espécie de “cauda” de sereia surge da própria água. Este corpo amalgamado dá assim a impressão de Iemanjá e o mar são um só. Diferentes narrativas aparecem como mitos de origem desta Orixá, mas o que parece coincidir nestes “enredos possíveis sobre a história de Iemanjá, é sua relação às grandes águas primordiais da Terra – matriz de toda a vida – e seu poder gerador e criador” (BARROS, 2006, p. 30). As oferendas entregues a Iemanjá parecem ser associadas

a ideia de que, juntamente com os presentes oferecidos a sereia do mar, os problemas e confidências afundariam no oceano, trazendo com as ondas, a esperança e expectativas de um futuro melhor (BRAGA, 2020).

A importância das relações tecidas entre um corpo negro nas telas e mitos e visões de mundo africanas e afro-brasileiras parecem ser capazes de formular “formas de educação que revisitam o não-lugar desde a lente do pertencimento” (OLIVEIRA, PEREIRA, 2019, p. 457). Do território corpo de Ariel como ser mitológico parece ser possível de ser pensado valores civilizatórios outros, que possibilitem produzir conhecimentos afrocentrados. A corporeidade negra de Ariel empreendeu-se a elaboração de possíveis articulações com *Kiandas* e Iemanjás, que emergem como protagonistas de outras visões de mundo possíveis de serem abordadas pelo ensino de história e o direito a ser o que se é, crer no que se crê.

5.2 Ariel, a princesa negra como protagonista: representatividade nas telas e na história

“Há quem tenha enxergado o convite à cantora como uma forma de **promover representatividade** no filme da Disney, outros, no entanto, afirmaram que a mudança descaracterizaria a história” (Veja SP, 2019).
 “Pela **segunda vez**, uma **afrodescendente** interpretará uma **princesa da Disney**. Em 1997, **Brandy Norwood fez o papel de Cinderela** no longa que **tinha Whitney Houston como fada madrinha** e **Whoopi Goldberg como rainha**” (BRANT, 2019).

A representatividade negra nas telas posicionada como protagonista me inspira a pensar em como os corpos negros podem ser colocados em evidência em aulas de história. Pensar este corpo negro da princesa sereia e o seu reino no fundo do mar pela perspectiva da negritude parecem acenar para deslocamentos da lógica colonial dos contos de fada. Mas, também, nos dão pistas de possíveis analogias com a construção de abordagens afrocentradas no ensino de história. Fernanda Oliveira e Priscila Nunes Pereira (2019) movimentam-me a pensar sobre a importância da afirmação de existência, capazes de transmutar ausências em presenças. Os efeitos da atuação de mulheres negras como protagonistas parece ter potência de deslocar o eurocentrismo de sua centralidade.

Enquanto o filme não é lançado, as expectativas em torno da representatividade da atriz, destacadas na abertura desta seção, e alguns elementos presentes no roteiro da animação de 1989 parecem tramar possibilidades de pensar o ensino de história e das relações étnico raciais. Mas como a representatividade de uma Ariel negra, associada a elementos do filme de 1989, podem ser potência para construir relações com o ensino de história? Sem a pretensão de fixar

respostas a esta questão, Nilma Lino Gomes (2012) me movimenta a pensar em como a relação entre o corpo negro de Ariel e corpos de mulheres negras na história pode ser vista como uma estratégia de conectar a vida social e cultural negra aos currículos de história e, por meio desta articulação, produzir uma história com um olhar afrocentrados. E além dos corpos, que elementos de animação podem compor a tessitura de relações entre as telas e o ensino de história?

No roteiro da animação de 1989, Ariel vive no reino de Atlântida, governado pelo rei dos mares e seu pai, Tritão. Apesar da vida de realeza em Atlântida, Ariel sonha em conhecer mais sobre o mundo fora do mar. Com seu companheiro de aventuras Linguado, Ariel desbrava os oceanos em busca de artefatos humanos para compor sua coleção. Coleção esta que fica escondida em uma gruta. Quando o rei Tritão descobre sua coleção e a desobediência de Ariel dos ordenamentos do reino sobre subir a superfície e salvar um humano, o rei exaltado, diz a princesa que “o contato entre humanos e o povo do mar é estritamente proibido, Ariel você sabe disso”. Mas este não é o único momento em que Tritão exalta o perigo dos humanos, descrevendo-os como “bárbaros” e perigosos. Se olharmos para Atlântida como um local de liberdade e resistência em relação ao mundo dos humanos, podemos pensar em articular o filme com a abordagem dos quilombos e a atuação de mulheres negras que ocuparam posições protagonistas nestes espaços. Embora saiba que estas articulações precisam ser tecidas com certa precaução e fuga da criação de estereótipos, o importante é estabelecer as relações de aproximação e distanciamento entre os corpos veiculados nas telas e o ensino de história.

Na direção do que foi dito até aqui, assumo que o ensino de história poderia ser abordado na tessitura entre o corpo de Ariel com personagens que protagonizaram a história brasileira - tais como as lideranças quilombolas como Tereza de Benguela e Dandara dos Palmares - e as articulações entre o reino de Ariel e os quilombos. Aqui, o conceito de quilombo é assumido

no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade. (NASCIMENTO, 1989)

Pelas lentes de Beatriz Nascimento, o quilombo parece representar a luta por uma sociedade de resistência ao processo colonizador e de sujeição de corpos negros e os movimentos realizados para empreender uma sociedade em que a negritude pudesse ser livre. Vistos como agrupamentos de africanos e seus descendentes e reconhecidos como o grande símbolo de sua resistência e de ressignificação da condição de escravizados. Aqui, a relação entre um reino que se organiza no fundo do mar, sem relação com os humanos parece

estabelecer pontos de contatos com a ideia de que as pessoas negras necessitam esconder-se do colonizador e da violência da sociedade escravista, estabelecendo um modelo de sociedade própria.

Todavia, isto não significava que os quilombos não estabeleciam relações com o exterior. Estas comunidades mantinham relações comerciais com outros quilombos, com povos indígenas e até mesmo com colonos portugueses. A palavra quilombo advém do dialeto quimbundo (falado pelos povos bantos) e tinha um significado relacionado a um acampamento militarizado e tiveram mulheres como protagonistas na organização e manutenção destes espaços. Um exemplo disso é Dandara dos Palmares e Tereza de Benguela.

Mesmo sendo reconhecidas por leis brasileiras, a lei n.º 13.816/2019, no qual Dandara dos Palmares foi inscrita no *Livro de Heróis e Heroínas da Pátria* e a lei 12.987/2014, que instituiu o *Dia nacional de Tereza de Benguela e da Mulher negra*, estas mulheres parecem ser, ainda, pouco discutidas no âmbito do ensino de história. Nesta direção, pareceu-me importante olhar para estas mulheres e dar-lhes a devida legitimidade histórica, que as leis lhes conferem.

Leticia Thainã de Queiroz Ávila (2021), ao relatar sua uma experiência pedagógica de análise de representações de mulheres negras em livros didáticos, com estudantes de Ensino fundamental II no Acre, apresenta que a maioria dos estudantes nunca havia ouvido falar de Dandara dos Palmares. A autora elucidou a atuação de Dandara como resistência negra e, que “assim como Zumbi, era guerreira e liderou homens e mulheres contra o sistema escravista. No entanto, a história dela é pouco ou quase inexplorada pelos livros didáticos utilizados” (ÁVILA, 2021, p. 88).

Assim, como Dandara, Tereza de Benguela, conhecida como “Rainha Tereza”, foi uma importante liderança feminina quilombola. Teria tomado a frente do quilombo Quariterê, localizado no Vale do Guaporé, no Mato Grosso. após a morte de seu companheiro, José Piolho, morto por soldados. Fontes documentais da época apontam que o lugar abrigava mais de 100 pessoas, dentre os quais 79 pessoas negras e 30 indígenas e teria resistido da década de 1730 ao final do século. O modelo de organização política do quilombo funcionava como um Parlamento e tinha um sistema de defesa. Tereza foi morta após ser capturada por soldados em 1770 – alguns dizem que a causa foi suicídio; outros, execução ou doença.

Mas como relacionar estas duas mulheres, personagens históricas, com o corpo de Ariel? A abordagem relacional de um corpo-personagem fílmico realeza e da abordagem de mulheres negras “reais” parece um potente instrumento de tensionamento de uma gramática do poder eurocentrada, a partir de perspectivas ligadas a movimentos afrofuturistas. O conceito de “Aprofuturismo consiste em um movimento de estética, política e filosofia negra, que busca

referências históricas e civilizatórias em África” (COSTA, 2020, p. 05). Estas perspectivas buscam a posituação da negritude por meio de estratégias de ressignificar representações que se limitem a tratar pessoas negras na condição de escravizados e subalternos. Tal posituação encontra ressonâncias nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Afro-Brasileira e Africana (BRASIL,2004).

6. O corpo negro nas telas e a estética da negritude no ensino de história: algumas considerações para pensar possibilidades de desconstrução do racismo

Ao longo destas páginas, propus uma tentativa de relação entre a repercussão da negritude colocada como protagonista nas telas e o ensino de história comprometido com a luta antirracista e a educação para as relações étnico-raciais. Busquei tramar com esta corporeidade negra protagonista sereia-princesa, as relações entre as representações de seu corpo e o que é possível ser pensado a partir delas.

Nesta direção, pensar a partir/com o corpo de Ariel foi uma proposta não se tratou apenas de acrescentar conteúdos ou de tratá-los como apêndices, nem a pretensão de que a abordagem aqui proposta tenha um caráter de ineditismo e/ou inovação; mas de buscar contribuir para criar possibilidades no ensino de história, tecidos com temas cotidianos, sem perder o foco com o comprometimento da luta antirracista e da abordagem das relações étnico-raciais. Neste caminho, tentei construir com o corpo de Ariel, roteiros político-pedagógico, que buscam traçar “uma posição ética e política diante das relações racistas e racializadas no cotidiano social e educacional” (MEINERZ, PEREIRA, 2016, p. 87).

Com Kianda, Iemanjá, Dandara, Tereza, a tessitura de possibilidades para pensar o ensino de história partiu de não apenas um corpo, mas do que dele pode foi possível suscitar, das relações que fui buscando estabelecer, deslocando-me do meu lugar de privilégio de mulher branca para pensar uma negritude que não me atravessa; um deslocamento que não abarca em si uma grandiosidade revolucionária, mas que se pensou como um pequeno evento guardião de uma potência, uma semente (KAERCHER, 2018); tanto de desestabilização de meu próprio corpo, mas também como potência de deslocar conhecimentos e saberes eurocentrados.

E esta potência parece abarcar o deslocamento para a construção de uma História com um olhar para a negritude, não apenas como escravizada, mas positivada, no qual as heranças e a pluralidade de manifestações culturais, possam ser vislumbradas. Ao tecer as relações, fui me dando conta da importância dos valores civilizatórios de culturas afro-brasileiras e africanas e o quanto elas carregam possibilidades de escrever outras histórias de vida, outras narrativas da história. Neste movimento de estabelecer relações entre os acontecimentos cotidianos dos sujeitos e produzir relações entre presente e passado pareceu-me um movimento potente para pensar aulas de história.

A representatividade das telas e a discussão em torno da escolha da atriz negra como protagonista de Ariel desloca ressignifica marcadores quem pode ser princesa da Disney, quem pode ser a sereia, quem pode ser da realeza. Mesmo que estas mudanças não aconteçam sem

tentativas de deslegitimação marcada pela cor de pele e racialização da negritude, ocupar estes espaços possibilita outras leituras de mundo e parece construir brechas de desconstrução do racismo. Apenas a representatividade não parece suficiente; mas importa olhar a potência que ocupar estes espaços pode suscitar.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

ANTUNES, Amanda; AZEVEDO, Marcella. “Tão famosos que você provavelmente nunca ouviu falar”: uma reflexão sobre a “nova” categoria de sujeitos influenciadores do consumo. *Revista Famecos*, v. 26 n. 3, 2019.

ÁVILA, Leticia Thaynã de Queiroz. A mulher negra no livro didático. In. ROCHA, Flávia Rodrigues Lima da; COSTA, Rosilene Silva da; FRANÇA, Jardel Silva (Orgs.). *Coletânea UniAfro: práticas pedagógicas em educação para as relações étnico-raciais na educação básica*. Rio Branco/AC, 2021.

BARROS, Critiane Amaral de. *Iemanjá e Pomba-gira: Imagens do feminino na Umbanda*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Federal nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 de janeiro de 2003, p.1.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-brasileira e indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 de março de 2008, p.1.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n. 003/2004 de 10 de março de 2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 maio 2004.

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. "Etnografia de tela": uma aposta metodológica. In. MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias pós críticas em educação*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 89-111.

BRANT, Ana Clara. Ariel negra causa polêmica entre os fãs de 'A pequena Sereia'. *Correio Braziliense*. Brasília. 9 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/09/interna_diversao_arte,769358/ariel-negra.shtml> Acesso em 28 de setembro de 2021.

BORGES, Rosane. Prefácio a edição brasileira: das perspectivas que inauguram novas visadas. In. HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo Saballa; ANDRADE, Paula Deporte de (Org.). *Pedagogias Culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Movimento negro no Brasil: novos e velhos desafios. *Caderno CRH*, Salvador, nº 36, p. 209-215, jan/jun de 2002.

CÉSAIRE, Aimé; MOORE Carlos (orgs). Aimé Césaire: *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006, 328 p.

COSTA, Adriana. Afrofuturismo e movimento negro no ERER: ensinando a história do Movimento Negro Unificado por meio da arte Afrofuturista e dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros. *Anais eletrônico do XI COPENE - Negras escrituras, interseccionalidades e engenhosidades: 9 a 12 de novembro de 2020 Curitiba – PR, [recurso eletrônico]/ Congresso Brasileiro de Pesquisadore(as) Negros(as), Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) – Curitiba, 2021*

FREITAS E SOUZA, Maciana. Pantera negra e a questão da representatividade. Portal Geledés. 2019. Disponível em: < https://www.geledes.org.br/pantera-negra-e-a-questao-da-representatividade/?gclid=CjwKCAjwqeWKBhBFEiwABo_XBoM37AcPtZjhuSUWce1QEn5wEtg5uZL0vw9mVv2ivgTUCbXEaEf1bBoCGG4QAvD_BwE>. Acesso em 03 de outubro de 2021.

GINZBURG, Carlo. Sinais: as raízes de um paradigma indiciário. In. GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, Cia das Letras, 1989, p. 143-180.

GIROUX, Henry. Memórias e pedagogia do maravilhoso mundo Disney. In. SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas da sala de aula*. 9ª Edição, Petrópolis: Vozes, 2011, p. 129-154.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 28-40.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, nº 1, p. 167-182, jan/jun, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem fronteiras*, v. 12, n. 1, jan/abril, p. 98-109, 2012.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, vol. 22, nº 48, p. 75-90, 2020.

HERNANDÉZ, Delmy Tania Cruz. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. *Solar*, vol. 12, nº 1, p. 35-46, 2016.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.

KAECHER, Gládis. KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. *O mundo na caixa: gênero e raça no Programa Nacional de Biblioteca da Escola – 1999*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

KAECHER, Gládis. Cor da pele de quem? Representatividade na escola. Youtube. TEDx Talks. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Uw0gkV7SnUY&t=1s>>. Acesso em 12 de outubro de 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. *A natureza do desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...* (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

LEITE, Fábio. Valores Civilizatórios em sociedades negro-africanas. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LOPES, Noémie Pereira. *Kianda, a sereia banto de Angola*. 2018. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/mitos-e-lendas/kianda-sereia-de-angola/>> Acesso em 27 de setembro de 2021.

MARROQUÍN, Angela Maria Rodríguez. Érase una vez muchas cenicientas: cómo leer el modelo feminino del siglo XX desde las películas norteamericanas de la Cenicienta. *Memória y sociedad*, 16, nº 33, p. 84-98, 2012.

MEINERZ, Carla Beatriz; PEREIRA, Priscila. Educação para as relações étnico-raciais e superação da branquitude. *Identidade!* São Leopoldo.- v. 23, n. 1, p. 161-180. jan.– jul., 2018.

MEINERZ, Carla Beatriz. Ensino de História, diálogo intercultural e relações étnico-raciais. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n.1, p. 59-77, jan/mar., 2017.

MEYER, Dagmar E. Estermann. *Identidades Traduzidas: Cultura e docência teuto-brasileiro evangélica no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História. In. PINSKY, Jaime (org.). *O Ensino de História e a criação do fato*. 14ª Edição. São Paulo. Contexto, 2018, p. 37-52.

MOORE, Carlos. Prefácio “Negro Sou, Negro Ficarei” - A negritude segundo Aimé Césaire. In: CÉSAIRE, Aimé; MOORE Carlos (orgs.). *Aimé Césaire: Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

NASCIMENTO, Washington Santos. *Gênios da natureza e kimbandas no universo mítico-religioso banto Akwakimbundu*. 2017. Disponível em:

<<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/genios-da-natureza-e-kimbandas-no-universo-mitico-religioso-banto>>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

NOGUERA, Renato. *Deusas e divindades: Como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*.

OLIVEIRA, Fernanda; PEREIRA, Priscila Nunes. Pensamentos de mulheres negras ao Sul do Sul: das lutas coletivas por cidadania à narrativa da existência por meio da educação. *Currículo sem fronteiras*, v.19, n. 2, p. 453-477, maio/ago., 2019.

PARADISO, Silvio Ruiz. A diáspora de Maria. Relações sincréticas e culturais entre nossa senhora, Kianda, Nzuzu, em o O outro pé da sereia de Mia Couto. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 33, n. 2, p. 253-267, jul./dez. 2011.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. *Anos 90*. Porto alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Novos Temas nas Aulas de História*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 160-171.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. *Tempo social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo. 11(1), p. 189-195, maio de 1999.

RIGOTTI, Caroline. O pessoal está criticando a escolha da atriz de "A Pequena Sereia" e isso não faz sentido nenhum. Purebreak. 4 de julho de 2019. Disponível em: < <https://www.purebreak.com.br/noticias/-a-pequena-sereia-escolha-da-atriz-gera-polemica-e-reacao-nao-faz-sentido/88045>> . Acesso em 28 de setembro de 2021.

ROSÁRIO, Mariana. Uma atriz negra será a Pequena Sereia e tem gente que não gostou; Veja SP. 4 de julho de 2019. Pop. Disponível em: < <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/filme-pequena-sereia-atriz-negra/>> Acesso em 28 de setembro de 2021.

SABAT, Ruth. *Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Celiana Maria dos. *Yemanjá, uma sereia? O “mito” africano no imaginário de pescadores do Rio Vermelho em Salvador, da Bahia*. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Relações Étnico-raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2013, 92 p.

SEGATO, Rita Laura. Iemanjá em Família: Mito e Valores Cívicos no Xangô de Recife. *Anuário Antropológico*, 12(1), 2018, p. 145–190. Recuperado de <<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6394>>.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SCHWARTZ, Lília Moritz. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In. SCHWARTZ, Lília Moritz (Org.). *História da vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Vol. 4. São Paulo: cia das Letras, 2012.

TAVARES, Olívia Pereira. *Feminilidades (im)possíveis em Malévola: uma abordagem de gênero*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ANEXO I

Tabela 1: Levamento de artigos e matérias sobre anúncio de Halle Bailey para protagonizar Ariel

Título da matéria/artigo	Veiculada em	Autoria e data da publicação	Link
O pessoal está criticando a escolha da atriz de "A Pequena Sereia" e isso não faz sentido nenhum	Purebreak	Carolinne Rigotti, 04/07/2019 as 11h28	https://www.purebreak.com.br/noticias/-a-pequena-sereia-escolha-da-atriz-gera-polemica-e-reacao-nao-faz-sentido/88045
#NotMyAriel. Escolha de atriz negra para filme "A Pequena Sereia" causa polêmica	Renascença	Inês Rocha, 09/07/2019 as 19:06	https://rr.sapo.pt/2019/07/09/vida/notmyariel-escolha-de-atriz-negra-para-filme-a-pequena-sereia-causa-polemica/noticia/157368/
Ariel negra causa polêmica entre os fãs de 'A pequena sereia'	Correio Braziliense	Ana Clara Brant/Estado de Minas, 09/07/2019 as 09:59	https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/09/interna_diversao_arte.769358/ari-el-negra.shtml
Nova Ariel negra gera polêmica entre fãs de 'A Pequena Sereia'	Meon	Júlia Landim Borsois Saia, colégio Embraer. Com supervisão de Nicole Almeida, jornalista do Grupo Meon	https://www.meon.com.br/meonjovem/alunos/nova-ariel-negra-gera-polemica-entre-fas-de-a-pequena-sereia
Internautas relatam amigas desfeitas por polêmica sobre Ariel negra	Blog Jovem Pan	Paty Moraes Nobre, 10/07/2019	https://blog.jovempan.com.br/mulheresdapan/internautas-relatam-amigadas-rompidas-por-polemica-sobre-ariel-negra/
Por que Halle Bailey não pode	Omelete	Andreza Delgado 04.07.2019 as 19:22	https://www.omelete.com.br/filmes/por-que-halle-bailey-nao-pode-interpretar-a-sereia-ariel

interpretar a sereia Ariel?		e atualizada em 04.07.2019 as 22:26	
Pequena Sereia negra e a representação inesperada	Fala, Colega!	Eduarda Gonçalves, 27/07/2019	https://falacolega.wordpress.com/2019/07/27/pequena-sereia-negra-e-a-representacao-inesperada/
#11 Ariel preta foi a gota d'água	A União	Gi Ismael, 10/07/2019	https://auniao.pb.gov.br/noticias/colunistas/gi-com-tonica/ariel-preta-foi-a-gota-dagua
Uma atriz negra será a Pequena Sereia e tem gente que não gostou	Veja SP		https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/filme-pequena-sereia-atriz-negra/
Disney anuncia Halle Bailey como Ariel, na versão live-action de A Pequena Sereia	Crescer	Crescer 04/07/2019	https://revistacrescer.globo.com/Diversao/Filmes-e-TV/noticia/2019/07/disney-anuncia-halle-bailey-como-ariel-na-versao-live-action-de-pequena-sereia.html

Fonte: Produzida pela autora (2021)

ANEXO II

Tabela 2: Textos e chaves de análise

Trechos das fontes selecionadas	Chave-analítica
<p>“Ariel é uma personagem mítica, e não precisa necessariamente precisa ser vivida por uma atriz branca” (Fala, colega!).</p> <p>A Pequena Sereia" abalou as estruturas dos fãs da animação” (Purebreak).</p> <p>“Fato é que a pequena sereia ruiva da Disney ficou no imaginário dos fãs” (Correio Braziliense).</p> <p>“Sereias não existem, são seres mitológicos” (Correio Braziliense).</p> <p>“Sereias são criaturas míticas” (Correio Braziliense).</p> <p>“Mas, ao mesmo tempo, se há alguma produção em que seja possível focar na questão da representatividade, é justamente A pequena sereia. Ser mitológico, essa personagem não tem etnia ou raça bem definida” (Correio Braziliense).</p> <p>“Eu não vou nem entrar no mérito de discutir que estamos tratando aqui de um ser mítico e inexistente (desculpa, Discovery Channel) e nem no fato de que é possível ser negro e naturalmente ruivo” (União)</p> <p>“E se mesmo assim ainda existir gente insatisfeita (a quem estou tentando enganar? Vai ter gente insatisfeita e racista até a eternidade), é só lembrar que o desenho original cheio de criaturas míticas brancas ainda existe” (União).</p>	<p>Mitologia</p>
<p>“afinal a Disney raramente contrata atrizes negras para o papel de princesas e protagonistas” (Fala, colega!).</p> <p>“a possibilidade de que personagens clássicas sejam de outras etnias favorece para a construção</p>	<p>Negritude</p>

<p>da autoestima de meninas negras, em geral sub-representadas” (Fala, colega!).</p> <p>“Aí a produção divulgou que a cantora Halle Bailey interpretaria Ariel. Sim, uma artista negra” (Purebreak).</p> <p>“A escolha da norte-americana Halle Bailey, atriz e cantora de 19 anos, causou polêmica. Motivo: a jovem é negra” (Correio Braziliense).</p> <p>“A escolha da jovem de 19 anos levantou uma discussão sobre racismo no Twitter, uma vez que na animação original, Ariel tem pele branca e cabelos ruivos e Halle, escolhida para fazer sua versão “humana” é negra de cabelos pretos” (Veja SP).</p> <p>“Ao invés de ser uma notícia que agradasse todo mundo, um detalhe fez com que começasse mais uma daquelas intermináveis discussões no berço das pessoas que tudo odeiam, a Internet: quem viverá Ariel é a atriz Halle Bailey. A adolescente de 19 anos foi descrita por Rob Marshall em entrevista ao <i>HollywoodLife</i> como uma “rara combinação de espírito, coração, juventude, inocência e substância - além de uma gloriosa voz - todas as qualidades intrínsecas necessárias para desempenhar esse papel icônico”. Ah, o detalhe: ela é preta”. (União)</p>	
<p>“O protagonismo de Halle no live action ao dar vida a Ariel promove a representatividade no filme, e muda a perspectiva de muitas outras crianças, jovens e adultos desta e das futuras gerações fora das telas” (Fala, colega!).</p> <p>“a possibilidade de que personagens clássicas sejam de outras etnias favorece para a construção da autoestima de meninas negras, em geral sub-representadas” (Fala, colega!).</p> <p>“Pela segunda vez, uma afrodescendente interpretará uma princesa da Disney. Em 1997, Brandy Norwood fez o papel de Cinderela no longa que tinha Whitney Houston como fada</p>	<p>Representatividade</p>

<p>madrinha e Whoopi Goldberg como rainha” (Correio Braziliense).</p> <p>“Há quem tenha enxergado o convite à cantora como uma forma de promover representatividade no filme da Disney, outros, no entanto, afirmaram que a mudança descaracterizaria a história” (Veja SP)</p>	
--	--